

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

TAHEREH MAFI



INTOCÁVEL

TOP
SEL
LER
#Bliss

~~AS MINHAS MÃOS SÃO LETAIS.~~
AS MINHAS MÃOS SÃO PODER.

*Para os meus pais e para o meu marido,
porque, quando disse que queria tocar a lua,
pegaram-me na mão, abraçaram-me
e ensinaram-me a voar.*

*Duas estradas bifurcavam numa floresta e eu...
seguí pela menos percorrida
e isso fez toda a diferença.*

Robert Frost, *A Estrada Não Percorrida*

UM

Estou trancada há 264 dias.

Não tenho nada que me faça companhia além de um pequeno caderno, de uma caneta partida e dos números na minha cabeça. 1 janela. 4 paredes. 13 metros quadrados de espaço. 26 letras num alfabeto que não pronunciei em 264 dias de isolamento.

6336 horas desde que toquei noutra ser humano.

— Vais ter um companheiro de cela quarto — disseram-me.

— ~~Esperamos que apodreças aqui~~ Por bom comportamento — disseram-me.

— ~~Outro psicopata como tu~~ Acabou-se o isolamento — disseram-me.

São os servos do Restabelecimento. A iniciativa que, supostamente, devia ajudar a nossa sociedade moribunda. As mesmas pessoas que me arrancaram à casa dos meus pais e me trancaram num asilo por qualquer coisa fora do meu controlo. A ninguém importa que não soubesse do que era capaz. Que não soubesse o que fazia.

Não faço ideia do sítio onde estou.

Sei apenas que fui transportada por alguém numa carrinha branca que viajou 6 horas e 37 minutos para me trazer até aqui. Sei que fui algemada ao banco. Sei que fui atada à minha cadeira. Sei que os meus pais não se deram ao trabalho de dizer adeus. Sei que não chorei enquanto me levavam.

Sei que o céu desaba todos os dias.

O sol mergulha no oceano e projeta castanhos, vermelhos, amarelos e laranjas sobre o mundo fora da minha janela. Um milhão de folhas de uma centena de ramos diferentes caem com o vento, esvoaçando com uma falsa promessa de voo. O vento sopra as asas mirradas e força-as a cair, esquecidas, para serem pisadas pelos soldados posicionados imediatamente por baixo.

Não existem tantas árvores como antes, é o que dizem os cientistas. Dizem que o nosso mundo era verde. Que as nossas nuvens eram brancas. Que o nosso sol irradiava sempre o tipo certo de luz. Mas tenho memórias muito vagas desse mundo. Não me lembro de muita coisa do que existia antes. A única existência que conheço agora é a que me foi dada. Um eco do que existiu.

Pressiono a palma da mão contra a pequena vidraça e sinto o frio a dominá-la com uma avidez familiar. Estamos ambos sozinhos, ambos existindo como a ausência de outra coisa.

Pego na minha caneta inútil com o resquício de tinta que aprendi a racionar todos os dias e olho-a fixamente. Mudo de ideias. Abandono o esforço necessário para escrever coisas. Ter um companheiro de cela poderá ser agradável. Falar com um humano verdadeiro poderá tornar as coisas mais fáceis. Experimento usar a voz, moldando com os lábios as palavras familiares que me soam estranhas na boca. Treino o dia inteiro.

Surpreende-me que ainda saiba como falar.

Enrolo o meu pequeno caderno e enfio-o na parede. Sento-me sobre as molas revestidas a pano em que sou forçada a dormir. Espero. Abano-me para trás e para a frente e espero.

Espero demasiado e adormeço.

Os meus olhos abrem-se e vejo 2 olhos 2 lábios 2 orelhas 2 sobrancelhas.

Abafo o grito, a minha vontade urgente de fugir, o horror debilitante que me prende os membros.

— És um r-r-r-r...

— E tu és uma rapariga. — Arqueia uma sobrancelha. A linha da sua boca ergue-se nos cantos, mas não sorri e eu quero chorar. Os meus olhos desesperam aterrados, movendo-se para a porta que tentei abrir tantas vezes que perdi a conta. Prenderam-me com um rapaz. Um rapaz.

Santo Deus.

Tentam matar-me.

Fizeram de propósito.

Para me torturarem, para me atormentarem, para me impedirem de voltar a dormir à noite. Tem os braços tatuados e mangas curtas pelo cotovelo. Percebe-se na sua sobrancelha que lhe falta aí um brinco que devem ter confiscado. Olhos azul-escuros, cabelo castanho-escuro, maxilar definido, corpo forte e esguio. Belo Perigoso. Assustador. Horrível.

Ri-se e caio da cama e corro para o canto.

Vejo-o tirar mentalmente as medidas à almofada modesta no divã que enfiaram no espaço vazio naquela manhã. O colchão fino e o cobertor gasto, quase sem tamanho suficiente para suportar o seu corpo da cintura para cima. Olha para a minha cama. Olha para a sua.

Aproxima as camas com uma mão. Usa o pé para empurrar as duas armações de metal para o seu lado do quarto. Estende-se atravessado nos dois colchões, pegando na minha almofada para colocar por baixo do pescoço. Comecei a tremer.

Mordo o lábio e tento enterrar-me no canto escuro.

Roubou-me a minha cama, o meu cobertor, a minha almofada.

Resta-me apenas o chão.

Restar-me-á apenas o chão.

Nunca resistirei porque estou demasiado petrificada, demasiado paralisada, demasiado paranoica.

— Então és... o quê? Louca? É por isso que aqui estás?

~~Não sou louca.~~

Ergue-se sobre os cotovelos para me ver a cara. Volta a rir-se.

— Não te vou fazer mal.

~~Quero acreditar nele~~ Não acredito nele.

— Como te chamas? — pergunta.

~~Mete-te na tua vida. Como te chamas tu?~~

Ouço a sua expiração irritada. Ouço-o virar-se na cama que costumava pertencer-me em parte. Passo a noite acordada. Puxo os joelhos até ao queixo, com o meu cabelo castanho longo a formar a única cortina entre nós.

Não vou dormir.

Não consigo dormir.

Não consigo voltar a ouvir aqueles gritos.

DOIS

De manhã, cheira a chuva.

O cheiro a pedra molhada e terra remexida é intenso dentro do quarto. O ar está húmido e terroso. Inspiro fundo e vou em bicos de pés até à janela só para pressionar o nariz contra a superfície fria. Sinto a minha respiração embaciar o vidro. Fecho os olhos ao som de um gotejar manso acelerado pelo vento. As gotas de chuva são a única coisa que me recorda de que as nuvens têm um batimento cardíaco. Que também eu tenho um.

As gotas de chuva fazem-me sempre pensar.

Penso que estão sempre a cair, tropeçando umas nas outras, partindo as pernas e esquecendo os paraquedas enquanto se despenham do céu em direção a um fim incerto. É como se alguém esvaziasse os bolsos sobre a terra sem se preocupar com o sítio onde cai o conteúdo, sem se importar se as gotas de chuva rebentam quando atingem o solo, se quebram quando caem no chão, se as pessoas amaldiçoam os dias em que as gotas ousam bater nas suas portas.

Sou uma gota de chuva.

~~Os meus pais esvaziaram-me dos bolsos e deixaram-me evaporar numa placa de betão.~~

A janela diz-me que não estamos longe das montanhas e que, definitivamente, estamos perto da água, mas tudo está perto da

água hoje em dia. Só não sei de que lado estamos. Em que direção estamos virados. Semicerro os olhos com a primeira luz da manhã. Alguém apanhou o sol do chão e voltou a espetá-lo no céu, mas, todos os dias, está pendurado um pouco mais abaixo do que no dia anterior. É como um pai negligente que só conhece uma metade de um filho. Nunca vê como a sua ausência muda as pessoas. Como somos diferentes na escuridão.

Um ruído súbito significa que o meu companheiro de cela acordou.

Viro-me como se voltasse a ser apanhada a roubar comida. Só aconteceu uma vez e os meus pais não acreditaram quando disse que não era para mim. Disse que tentava salvar os gatos vadios que viviam do outro lado da esquina, mas não acreditaram que fosse suficientemente humana para me importar com um gato. Eu não. Não ~~uma coisa~~ alguém como eu. Mas também é verdade que nunca acreditavam nas minhas palavras. É precisamente por isso que aqui estou.

O companheiro de cela estuda-me.

Adormeceu vestido. Veste uma t-shirt azul-marinho e calças caquis de estilo militar enfiadas nas botas altas pretas.

Algodão áspero cobre-me os membros e há um rubor rosado na minha cara.

Os olhos dele movem-se pela silhueta da minha estrutura e o movimento lento acelera-me o coração. Apanho as pétalas de rosa que me caem das bochechas, flutuando à volta do meu corpo, cobrindo-me com algo que se assemelha à ausência de coragem.

O que quero dizer é: Para de olhar para mim.

Para de me tocar com os olhos, mantém as mãos em baixo e por favor e por favor e por favor...

— Como te chamas? — A inclinação da cabeça dele parte a gravidade ao meio.

Fico suspensa no momento. Pestanejo e asfixio as inspirações.

Mexe-se e os meus olhos estilhaçam em mil pedaços que ri-cocheteiam pelo quarto, capturando um milhão de instantâneos, um milhão de momentos. Tremeluzentes imagens fátuas gastas pelo tempo, pensamentos paralisados pairando precariamente em espaço morto, um turbilhão de memórias que me dilaceram a alma. ~~Lembra-me alguém que conheci.~~

Uma inspiração repentina e o choque puxa-me de volta para a realidade.

~~Chega de fantasias.~~

— Porque estás aqui? — pergunto às rachas na parede de betão. 14 rachas em 4 paredes de mil tonalidades de cinzen-to. O chão, o teto: uma laje contínua. As armações da cama de construção patética: construídas com velhas tubagens de água. O pequeno quadrado de uma janela: demasiado resistente para partir. A minha esperança esgotou-se. Os meus olhos estão des-focados e doridos. O meu dedo traça um padrão preguiçoso no chão frio.

Estou sentada no chão, onde cheira a gelo, metal e pó. O com-panheiro de cela senta-se à minha frente, com as pernas dobradas por baixo do corpo e botas que são um pouco brilhantes demais para este sítio.

— Receias-me. — A sua voz não tem forma.

Os meus dedos transformam-se num punho.

— Receio que te enganes.

Posso mentir, mas isso não lhe diz respeito.

Funga e o som ecoa pelo ar morto entre nós. Não ergo a ca-beça. Não retribuo o olhar penetrante que me dirige. Provo o oxi-génio bafiento e esgotado e suspiro. Tenho a garganta apertada com alguma coisa que me é familiar, alguma coisa que aprendi a engolir.

2 batidas na porta sobressaltam-me as emoções e fazem-nas regressar ao sítio certo.

Levanta-se de imediato.

— Não é ninguém — digo-lhe. — É só o nosso pequeno-almoço. — 264 pequenos-almoços e ainda não sei de que é feito. Cheira a demasiados químicos numa amálgama amorfa sempre em extremos. Por vezes, demasiado doce, por vezes, demasiado salgada. Sempre nojenta. Na maioria das vezes, estou demasiado faminta para notar a diferença.

Ouç-o hesitar apenas por um instante antes de se dirigir à porta. Abre uma pequena fresta e espreita um mundo que já não existe.

— Merda! — Quase atira o tabuleiro pela fresta, parando para bater com a mão na camisa. — Merda, merda. — Fecha a mão e pressiona o maxilar. Queimou a mão. Tê-lo-ia avisado se me tivesse dado ouvidos.

— Tens de esperar pelo menos três minutos antes de tocares no tabuleiro — digo à parede. Não olho as cicatrizes ténues que me cobrem as mãos pequenas, as marcas de queimadura que ninguém poderia ter-me ensinado a evitar. — Acho que fazem de propósito — acrescento em voz baixa.

— Ah, então falas comigo hoje? — Está zangado. Os seus olhos lampejam antes de virar a cara e percebo que está sobretudo envergonhado. É um tipo duro. Demasiado duro para cometer erros estúpidos à frente de uma rapariga. Demasiado duro para mostrar que sente dor.

Pressiono os lábios e olho fixamente pelo pequeno quadrado de vidro a que chamam janela. Não restam muitos animais, mas ouvi histórias de animais capazes de voar. Talvez um dia possa ver um. As histórias são tão mirabolantes, por estes dias, que há muito pouco em que acreditar, mas ouvi mais de uma pessoa dizer

que viu um pássaro a voar nos últimos anos. É por isso que olho pela janela.

Haverá um pássaro hoje. Será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará. Haverá um pássaro hoje. Será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará... Haverá um...

A mão dele.

Em mim.

2 pontas

de 2 dedos roçam o meu ombro coberto com pano durante menos de um segundo e cada músculo e cada tendão no meu corpo fica tenso, formando nós que me puxam a espinha. Fico muito quieta. Não me mexo. Não respiro. Talvez se não me mexer, aquela sensação dure para sempre.

~~Ninguém me toca há 264 dias.~~

Às vezes, penso que a solidão dentro de mim explodirá para fora da minha pele e, às vezes, não sei se chorar, gritar ou rir enquanto dura a histeria resolverá alguma coisa. Às vezes, estou tão desesperada pelo toque, por ser tocada, que *sinto* quase uma certeza de que cairei de um penhasco num universo paralelo onde nunca ninguém conseguirá encontrar-me.

Não parece impossível.

Grito há anos e nunca ninguém me ouviu.

— Não tens fome? — A voz dele está mais baixa e um pouco preocupada.

~~Estou faminta há 264 dias.~~

— Não. — A palavra é pouco mais que uma expiração interrompida que me escapa entre os lábios e, não devendo fazê-lo, viro-me, e ele olha-me. Estuda-me. Os seus lábios estão ligeiramente abertos, os seus braços pendem de cada lado, as suas pestanas reprimem a confusão.

Algo me esmurra no estômago.

Os olhos dele. Alguma coisa nos olhos dele.

~~Não é ele não é ele não é ele não é ele não é ele.~~

Guardo o mundo. Tranco-o. Rodo a chave com força.

O negrume sepulta-me nas suas pregas.

— Ei...

Os meus olhos abrem-se de repente. 2 janelas partidas que me encham a boca de vidro.

— Que foi? — A voz dele é uma tentativa falhada de frieza, um ansioso esforço de apatia.

~~Nada.~~

Concentro-me no quadrado transparente cravado entre mim e a liberdade. Quero rebentar este mundo de betão e remetê-lo ao esquecimento. Quero ser maior, melhor, mais forte.

~~Quero ficar furiosa furiosa furiosa.~~

Quero ser o pássaro que voa para longe.

— Que escreves? — O companheiro de cela volta a falar.

~~Estas palavras são vômito.~~

~~Esta caneta trémula é o meu esófago.~~

~~Esta folha de papel é a minha sanita.~~

— Porque não me respondes? — Está perto demais perto demais perto demais.

Nunca ninguém está perto que chegue.

Sustenho a respiração e espero que se afaste como todos os outros na minha vida. Os meus olhos focam-se na janela e na promessa do que poderia ser. Na promessa de algo mais grandioso, de algo maior, de algum motivo para a loucura que se acumula nos meus ossos, de alguma explicação para a minha incapacidade de fazer qualquer coisa sem arruinar tudo. Haverá um pássaro. Será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará. Haverá um pássaro. Será...

— Ei...

— Não podes tocar-me — sussurro. Minto. Isso é o que não lhe digo. Pode tocar-me. Isso é o que nunca lhe direi. Toca-me, por favor. Isso é o que quero dizer-lhe.

Mas acontecem coisas quando as pessoas me tocam. Coisas estranhas. Coisas más.

Coisas mortas.

Não recordo o calor de qualquer tipo de abraço. Sinto nos braços a dor do isolamento a que não consigo escapar. A minha própria mãe não conseguia abraçar-me. O meu pai não conseguia aquecer-me as mãos geladas. Vivo num mundo de nada.

Olá.

Mundo.

Esquecer-me-ás.

Truz-truz.

O companheiro de cela levanta-se com um salto.

É hora do duche.

TRÊS

A porta abre-se para um abismo. Do outro lado, não há cor, luz ou a promessa de qualquer coisa além de horror. Não há palavras. Não há indicações. Apenas uma porta aberta que significa o mesmo todas as vezes.

O companheiro de cela tem perguntas.

— Mas que raio? — Move o olhar de mim para a ilusão de fuga. — Deixam-nos sair?

~~Nunca nos deixarão sair.~~

— É hora do duche.

— Duche? — A voz dele perde a entoação, mas continua carregada de curiosidade.

— Não temos muito tempo — digo-lhe. — Temos de ser rápidos.

— Espera, o quê? — Ergue a mão para o meu braço, mas afasto-me. — Mas não há luz... Nem sequer conseguimos ver para onde vamos...

— Depressa. — Fixo o olhar no chão. — Segura a minha camisa.

— Que estás para aí a...

Um alarme soa à distância. Uma vibração cada vez mais próxima. Pouco depois, a cela inteira vibra com o alerta e a porta começa a fechar-se. Seguro-lhe a camisa e puxo-o para o negrume a meu lado. — Não. Digas. Nada.

— Mas...

— *Nada* — silvo. Puxo-lhe a camisa e ordeno-lhe que me siga enquanto tateio pelo labirinto da instituição psiquiátrica. ~~É um lar,~~ um centro para jovens perturbados, para crianças negligenciadas de famílias destruídas, um abrigo para os psicologicamente afetados. É uma prisão. Não nos alimentam e os nossos olhos nunca veem nada além dos raros clarões que se infiltram por fissuras de vidro que fingem ser janelas. As noites são povoadas por gritos, choro descontrolado e urros de agonia, pelos sons de carne e ossos a partir, à força ou por escolha. Nunca saberei. Passei os primeiros 3 meses acompanhada pelo meu próprio fedor. Nunca ninguém me disse onde ficavam as casas de banho e os chuveiros. Nunca ninguém me disse como funcionava o sistema. Apenas falam connosco para dar más notícias. Nunca ninguém nos toca. Os rapazes e as raparigas nunca se cruzarão.

Até ontem.

Não pode ser coincidência.

Os meus olhos começam a reajustar-se ao manto de noite artificial. Os meus dedos orientam-me pelos corredores de paredes ásperas e o companheiro de cela não diz uma palavra. Quase me orgulho dele. É quase 30 centímetros mais alto. O seu corpo é duro e sólido, com os músculos e a força de alguém próximo da minha idade. O mundo ainda não o quebrou. Tãmanha liberdade na ignorância.

— O que...

Puxo-lhe a camisa com um pouco mais de força para o impedir de falar. Ainda não saímos dos corredores. Sinto-me estranhamente protetora em relação a ele, aquela pessoa que, provavelmente, me destruiria com 2 dedos. Não percebe como a sua ignorância

o deixa vulnerável. Não percebe que poderão matá-lo sem qualquer motivo.

Decidi não ter medo dele. Decidi que as suas ações são mais imaturas do que genuinamente ameaçadoras. ~~Parece-me tão familiar tão familiar tão familiar.~~ Outrora, conheci um rapaz com os mesmos olhos azuis e as minhas recordações não me permitem odiá-lo.

Talvez me agradasse ter um amigo.

Mais 1 metro e 80 até a parede passar de áspera a lisa e virarmos à direita. 60 centímetros de espaço vazio antes de chegarmos a uma porta de madeira com trinco partido e alguns pontos lascados. 3 batimentos cardíacos para assegurar que estamos sozinhos. 30 centímetros adiante para empurrar a porta. 1 rangido ténue e a fissura alarga, não revelando nada além do que imagino que aquele espaço seja.

— Por aqui — sussurro.

Puxo-o em direção aos chuveiros alinhados e estudo o chão à procura de fragmentos minúsculos de sabão presos no ralo. Encontro 2 pedaços, um com o dobro do tamanho do outro.

— Abre a mão — digo à escuridão. — É viscoso. Mas não o largues. Não há muito sabão por aqui, hoje estamos com sorte.

Não diz nada durante uns segundos e começo a preocupar-me.

— Ainda aí estás? — Penso se seria essa a armadilha. Se seria esse o plano. Talvez tivesse sido enviado para me matar sob a camuflagem da escuridão naquele espaço apertado. Nunca soube realmente o que me fariam no asilo, nunca soube se achariam que prender-me seria suficiente, mas sempre pensei que poderiam matar-me. Sempre me pareceu uma opção viável.

Não posso dizer que não o mereceria.

Mas estou aqui por alguma coisa que nunca quis fazer e parece que ninguém se importa que tenha sido um acidente.

~~Os meus pais nunca tentaram ajudar-me.~~

Não ouço chuveiros abertos e o meu coração suspende o seu batimento. Aquela divisão em particular raramente está cheia, mas costuma haver outras pessoas, mesmo que apenas 1 ou 2. Aprendi que os residentes do asilo são legitimamente loucos e não conseguem encontrar os chuveiros ou simplesmente não se importam.

Engulo em seco.

— Como te chamas? — A voz dele fratura o ar e a minha consciência num único movimento. Sinto-lhe a respiração mais próxima que antes. O meu coração bate mais depressa e não sei porquê, mas não consigo controlá-lo. — Porque não me dizes o teu nome?

— Tens a mão aberta? — pergunto. Tenho a boca seca e a voz rouca.

Aproxima-se e quase temo respirar. Os seus dedos quase roçam o tecido áspero da única roupa a que alguma vez chamarei minha e consigo expirar. Desde que não me toque na pele. Desde que não me toque na pele. Desde que não me toque na pele. Parece ser esse o segredo.

A minha t-shirt foi lavada tantas vezes na água inclemente daquele edifício que parece um saco de serapilheira contra a minha pele. Largo-lhe o pedaço maior de sabão na mão e recuo.

— Vou abrir-te o chuveiro — explico, tentando não erguer a voz para que os outros não me ouçam.

— Que faço com a roupa? — O seu corpo continua demasiado próximo do meu.

Pestanejo 1000 vezes na escuridão.

— Terás de a despir.

Ri-se, gargalhando enquanto expira.

— Eu sei. Mas que faço com ela enquanto tomo banho?

— Tenta não molhá-la.

Inspira fundo.

— Quanto tempo temos?

— Dois minutos.

— Jesus, porque não disseste an...

Abro o chuveiro dele e o meu em simultâneo e os seus queixumes são abafados pelos jatos irregulares de chuveiros que mal funcionam.

Os meus movimentos são mecânicos. Fiz aquilo tantas vezes que já decorei os métodos mais eficientes de ensaboar e passar por água, racionando o sabão tanto no meu corpo como no meu cabelo. Não há toalhas e o truque é tentar não molhar demasiado nenhuma parte do corpo. Quem o fizer, nunca conseguirá secar-se adequadamente e passará a semana seguinte quase a morrer de pneumonia. Sabia-o bem.

Em exatamente 90 segundos, torci o cabelo e volto a vestir o meu traje gasto. Os meus ténis são a única coisa que tenho em estado aceitável. Não andamos muito aqui.

O companheiro de cela imita-me quase de imediato. Agrada-me que aprenda depressa.

— Segura a minha camisa — digo-lhe. — Temos de nos apressar.

Os seus dedos deslizam pelo fundo das minhas costas por um momento vagaroso e preciso de morder o lábio para acalmar a intensidade. Quase paro. Nunca ninguém põe as mãos perto do meu corpo.

Preciso de me apressar para deixar os dedos dele para trás. Cambaleia para me alcançar.

Quando finalmente ficamos aprisionados dentro das familiares 4 paredes claustrofóbicas, o companheiro de cela não para de olhar para mim.

Encolho-me no canto. Ainda tem a minha cama, o meu cobertor, a minha almofada. Perdoo-lhe a ignorância, mas talvez seja

demasiado cedo para sermos amigos. Talvez tenha sido demasiado precipitada em ajudá-lo. Talvez esteja aqui só para me tornar miserável. Mas, se não ficar quente, adoço. O meu cabelo está demasiado molhado e o cobertor em que costume enrolá-lo continua do lado dele do quarto. Talvez ainda tenha medo dele.

Suspendo a respiração de modo demasiado brusco e ergo o olhar com demasiada rapidez na luz baixa do dia. O companheiro de cela cobriu-me os ombros com 2 cobertores.

1 meu.

1 dele.

— Desculpa ter sido um idiota tão grande — sussurra à parede. Não me toca e sinto-me ~~desiludida~~ feliz por não fazê-lo. ~~Gostava que me tocasse.~~ Não deve tocar-me. Ninguém deve tocar-me.

— Chamo-me Adam — diz, lentamente. Afasta-se de mim até ao lado oposto do quarto. Com uma mão, empurra a minha cama de volta para a minha metade do espaço.

Adam.

Que belo nome. O companheiro de cela tem um belo nome.

É um nome de que sempre gostei, mas não me lembro porquê.

Não demoro a trepar para as molas cobertas à justa do meu colchão e estou tão exausta que mal sinto as espirais metálicas ameaçando furar-me a pele. Não durmo há mais de 24 horas. *Adam é um belo nome* é a única coisa em que consigo pensar antes de a exaustão me paralisar o corpo.

QUATRO

*Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.
Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca. Não sou louca.*

O horror abre-me as pálpebras à força.

Tenho o corpo ensopado em suor frio e o meu cérebro nada em ondas de dor que não consigo esquecer. Os meus olhos fitam círculos de negro que se dissolvem na escuridão. Não faço ideia de quanto tempo dormi. Não faço ideia se assustei o meu companheiro de cela com os meus sonhos. Às vezes, grito.

O Adam olha-me fixamente.

Estou ofegante e consigo levantar-me com esforço. Tapo-me melhor com os cobertores e percebo que lhe roubei a única forma de se aquecer. Nunca me ocorreu, sequer, que poderia sentir-se tão enregelado como eu. Tremo, mas o corpo dele não vacila na noite, a sua silhueta permanece uma linha forte recortada contra o fundo negro. ~~Não sei o que dizer.~~ Não há nada para dizer.

— Os gritos nunca param neste sítio, pois não?

~~Os gritos são apenas o início.~~

— Não — murmuro, quase sem som. Um rubor ténue tingeme a cara e sinto-me grata pela escuridão que o impedirá de reparar. Deve ter ouvido os meus gritos.

Por vezes, desejo não precisar de dormir. Por vezes, penso que, se ficar muito, muito quieta, se nunca me mover, as coisas mudarão. Penso que, se me paralisar, conseguirei paralisar a dor. Por vezes, não me movo durante horas. Não me movo um único centímetro.

Se o tempo ficar suspenso, nada poderá correr mal.

— Sentes-te bem? — Há preocupação na voz do Adam. Olho os punhos fechados de cada lado do seu corpo, a testa franzida, a tensão no maxilar. Esta pessoa, que me roubou a cama e o cobertor, é a mesma que dormiu sem cobertor esta noite. Tão arrogante e insensível tão poucas horas antes. Tão cuidadoso e silencioso agora. Assusta-me que este sítio possa tê-lo destruído tão depressa. Penso no que terá ouvido durante o meu sono.

Gostava de poder salvá-lo do horror.

Algo se estilhaça. Um som agonizante à distância. Estes quartos estão sepultados sob uma grossa camada de betão, com paredes mais grossas do que o piso e o teto juntos, para impedir que os sons se propaguem demasiado. Se consigo ouvir a agonia, é porque será avassaladora. Todas as noites, há sons que não ouço. Todas as noites, penso se serei a próxima.

— Não és louca.

Abro os olhos de repente. Inclinou a cabeça. Os meus olhos estão focados e límpidos apesar do manto que nos envolve. Ouço-o inspirar fundo.

— Pensei que todos aqui fossem loucos — continua. — Pensei que me tivessem fechado com uma chanfrada.

Inspiro bruscamente.

— Engraçado. Também eu.

1

2

3 segundos passam.

Esboça um sorriso tão rasgado, tão divertido, tão refrescantemente sincero que é como um trovão ecoando pelo meu corpo. Alguma coisa me pica os olhos e me quebra os joelhos. Não vejo um sorriso há 265 dias.

O Adam está de pé.

Estendo-lhe o seu cobertor.

Aceita-o apenas para o enrolar mais ainda ao meu corpo e, de repente, há um aperto no meu peito. Os meus pulmões estão espalmados um contra o outro e, quando acabo de decidir que jamais voltarei a mexer-me, ouço-o.

— Que se passa?

~~Os meus pais pararam de me tocar na idade em que comecei a gatinhar. Os professores obrigaram-me a trabalhar sozinha para não magoar as outras crianças. Nunca tive um amigo.~~

~~Não conheço o conforto de um abraço de mãe. Nunca senti a ternura de um beijo de pai. Não sou louca.~~

— Nada.

Mais 5 segundos.

— Posso sentar-me ao teu lado?

~~Isso seria maravilhoso.~~

— Não. — Volto a olhar fixamente a parede.

O maxilar dele fica tenso e volta a descontraír. Passa uma mão pelo cabelo e percebo pela primeira vez que não tem camisa. Este quarto está tão escuro que só consigo ver a sua silhueta. A lua consegue entrar por uma pequena janela para iluminar aquele espaço, mas vejo os músculos dos seus braços retesar-se com cada movimento e, de repente, estou em chamas. Chamas dançam-me sobre a pele e há uma explosão de calor roendo-me o estômago. Cada centímetro do corpo dele vibra com energia pura, cada superfície consegue tornar-se, de algum modo, luminosa na escuridão. Em 17 anos, nunca vi nada como ele. Em 17 anos, nunca conversei com um rapaz da minha idade. ~~Porque sou um monstro.~~

Fecho os olhos até ficar com as pálpebras fundidas.

Ouçõ a cama dele chiar, o gemido das molas enquanto se senta. Forço os olhos a abrir-se e estudo o chão.

— Deves estar enregelado.

— Não. — Um suspiro forte. — Na verdade, estou a arder.

Levanto-me tão depressa que os cobertores caem ao chão.

— Estás doente? — Os meus olhos percorrem-lhe a face à procura de sinais de febre, mas não me atrevo a aproximar-me mais. — Sentes-te zozzo? Doem-te as articulações? — Tento recordar os meus sintomas. Passei uma semana inteira presa à cama pelo meu próprio corpo. A única coisa que conseguia fazer era rastejar até à porta e cair de cara sobre a comida. Nem sequer percebo como sobrevivi.

— Como te chamas?

Fez a mesma pergunta 3 vezes.

— Deves estar doente — é tudo o que consigo dizer.

— Não estou doente. Estou apenas com calor. Não costumo dormir vestido.

Sinto borboletas esvoaçando-me na barriga. Uma vergonha inexplicável queima-me a carne. Não sei para onde olhar.

Uma inspiração profunda.

— Fui estúpido ontem. Tratei-te como merda e sinto muito. Não devia tê-lo feito.

Ouso enfrentar o seu olhar.

Os seus olhos têm uma perfeita cor de cobalto, azuis como um hematoma recente, cristalinos, profundos e determinados. O maxilar está firme e as feições desenham uma expressão cuidada. Passou a noite inteira a pensar naquilo.

— Está bem.

— Então porque não me dizes como te chamas? — Inclina-se para a frente e congelo.

Descongelo.

Derreto.

— Juliette — sussurro. — Chamo-me Juliette.

Os seus lábios esboçam um sorriso que me arrepia a espinha. Repete o meu nome como se o divertisse. Como se o animasse. Como se o deleitasse.

~~Em 17 anos, ninguém disse o meu nome assim.~~

CINCO

*N*ão sei quando começou.
Não sei porque começou.

Não sei nada de nada. Sei apenas dos gritos.

Os gritos da minha mãe quando percebeu que já não podia tocar-me. Os gritos do meu pai quando viu o que eu tinha feito à minha mãe. Os gritos de ambos quando me trancaram no quarto, dizendo que eu devia sentir-me grata. Pela comida que me davam. Pelo seu tratamento humano àquela coisa que não podia ser a sua filha. Pela vara com que mediam a distância a que precisavam de me manter.

Destruí-lhes as vidas, foi o que me disseram.

Roubei-lhes a felicidade. Destruí a esperança da minha mãe de voltar a ter filhos.

Não percebia o que tinha feito?, perguntavam-me. Não via que tinha acabado com tudo?

Esforcei-me tanto para emendar o que tinha estragado. Todos os dias tentei ser o que queriam que fosse. Tentei sempre ser melhor, mas nunca soube como.

Só sei que os cientistas estão enganados.

O mundo é plano.

Sei isto porque fui atirada do limiar do mundo e tento não cair há 17 anos. Tento voltar a subir há 17 anos, mas é quase impossível

vencer a gravidade quando ninguém está disposto a estender-nos a mão.

Quando ninguém quer arriscar tocar-nos.

Hoje, neva.

O betão está gelado e mais duro do que o habitual, mas prefiro estas temperaturas negativas à humidade abafada dos dias de verão. O verão é como um fogão a ferver o mundo inteiro 1 grau de cada vez. Promete um milhão de adjetivos felizes e enche-nos as narinas com fedor e esgoto para o jantar. Odeio o calor e a imundície suada e pegajosa que deixa no seu rasto. Odeio o tédio indolente de um sol demasiado preocupado consigo mesmo para perceber as horas infinitas que passamos na sua presença. O sol é uma coisa arrogante, deixando sempre o mundo para trás quando se cansa de nós.

A lua é uma companheira leal.

Nunca parte. Está sempre lá, atenta, firme, conhecendo-nos nos nossos momentos de luz e de sombra, mudando sem cessar, tal como nós. Em cada dia, é uma versão diferente de si mesma. Por vezes, fraca e baça, por vezes, forte e cheia de luz. A lua compreende o que significa ser humano.

Incerteza. Solidão. As múltiplas imperfeições.

Olho pela janela durante tanto tempo que me esqueço de mim. Estendo a mão para apanhar um floco de neve e o meu punho fecha-se sobre o ar gelado. Vazio.

Quero atravessar a janela com este punho que está ligado ao meu pulso.

Apenas para sentir alguma coisa.

Apenas para me sentir humana.



— Que horas são?

Pestanejo por um momento. A voz dele puxa-me de volta para um mundo que tento esquecer.

— Não sei — digo-lhe. Não faço ideia das horas. Não faço ideia do dia da semana, do mês em que estamos ou até se estaremos em alguma estação específica.

Deixámos de ter estações.

Os animais morrem, os pássaros não voam, as colheitas são difíceis, as flores quase não existem. O clima deixou de merecer confiança. Por vezes, os nossos dias de inverno chegam aos 33 graus. Por vezes, neva sem qualquer motivo. Já não conseguimos cultivar comida suficiente, não conseguimos fazer crescer vegetação suficiente para os animais e não conseguimos alimentar as pessoas com aquilo de que necessitam. A nossa população morria a um ritmo alarmante antes de o Restabelecimento subir ao poder, prometendo-nos que tinham uma solução. Os animais estavam tão desesperados por comida que se dispunham a comer animais envenenados. Matávamo-nos uns aos outros para tentar sobreviver. O clima, as plantas, os animais e a nossa sobrevivência humana estão inextricavelmente ligados. Os elementos naturais estão em guerra uns com os outros porque abusámos do nosso ecossistema. Abusámos da nossa atmosfera. Abusámos dos nossos animais. Abusámos dos outros humanos.

O Restabelecimento prometeu que resolveria as coisas. Mas, mesmo que a saúde humana tenha alcançado alguma aparência de alívio sob o novo regime, mais pessoas morreram à frente de armas carregadas do que de estômago vazio. E não para de piorar.

— Juliette?

Ergo a cabeça.

Os olhos dele estão receosos, preocupados, analisando-me.

Afasto o olhar.

Ouço-o pigarrear.

— Então... humm... só nos alimentam uma vez por dia?

A pergunta dele faz-nos olhar em simultâneo para a pequena fresta na porta.

Aperto os joelhos contra o peito e equilíbrio os ossos sobre o colchão. Se me mantiver muito imóvel, quase consigo ignorar a pressão do metal sobre a minha pele.

— A comida não segue um sistema — digo-lhe. O meu dedo traça um novo padrão pelo tecido rijo do cobertor. — Costuma haver alguma coisa de manhã, mas não há garantias de mais nada. Às vezes... temos sorte. — Os meus olhos erguem-se para a vidraça encaixada na parede. Rosas e vermelhos são filtrados pelo quarto e sei que é um novo começo. O início do mesmo fim. Outro dia.

~~Talvez morra hoje.~~

Talvez um pássaro voe hoje.

— Então é assim? Abrem a porta uma vez por dia para as pessoas fazerem as necessidades e, se tivermos *sorte*, talvez nos alimentem? É isso?

O pássaro será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará.

— É isso.

— Não há... terapia de grupo? — Quase se ri.

— Até chegares, não dizia uma única palavra há 264 dias.

O silêncio dele diz demasiado. Quase consigo estender a mão e tocar a culpa que lhe cresce nos ombros.

— Quanto tempo ficarás aqui? — pergunta finalmente.

~~Para sempre.~~

— Não sei. — Um som mecânico guincha/geme/estala à distância. A minha vida resume-se a 4 paredes de oportunidades perdidas despejadas em moldes de betão.

— E a tua família? — Há mágoa real na voz dele, quase como se já soubesse a resposta a essa pergunta.

~~Eis o que sei sobre os meus pais: Não faço ideia de quem sejam.~~

— Porque estás aqui? — Falo para os meus dedos para evitar o olhar dele. Estudei as mãos com tanta minúcia que sei exatamente onde cada corte e nódoa negra me marcaram a pele. Mãos pequenas. Dedos esguios. Fecho-os num punho e volto a abri-los para libertar a tensão. Ainda não respondeu.

Olho-o.

— Não sou louco — é tudo o que diz.

— Isso é o que dizemos todos. — Inclino a cabeça e abano-a uma fração de centímetro. Mordo o lábio. Os meus olhos não conseguem evitar virar-se ocasionalmente para a janela.

— Porque não paras de olhar lá para fora?

As perguntas dele não me incomodam, a sério que não. É apenas estranho ter alguém com quem falar. É estranho precisar de gastar energia para mover os lábios e pronunciar as palavras necessárias à explicação das minhas ações. Nunca ninguém se importou durante tanto tempo. Ninguém me olhou com atenção suficiente para se questionar acerca do que me faz olhar fixamente por uma janela. Nunca ninguém me tratou como um semelhante. Mas também é verdade que não sabe ~~que sou um monstro~~ o meu segredo. Penso quanto tempo aquilo vai durar antes de fugir.

Esqueci-me de responder e ele continua a olhar-me atentamente.

Prendo uma madeixa atrás da orelha e mudo de ideias.

— Porque não paras de olhar para mim?

Os seus olhos são cautelosos, curiosos.

— Calculei que o único motivo para me trancarem com uma rapariga seria por seres maluca. Pensei que tentassem torturar-me, prendendo-me com uma psicopata. Pensei que fosses o meu castigo.

— Foi por isso que me roubaste a cama. — Para mostrar força. Para marcar uma posição. Para desferir o primeiro golpe.

Baixou o olhar. Abre e fecha as mãos antes de esfregar a nuca.

— Porque me ajudaste? Como soubeste que não te faria mal? Conto os dedos para ter a certeza de que continuam ali.

— Não.

— Não me ajudaste ou não saberias se te fizesse mal?

— Adam. — Os meus lábios moldam-lhe o nome. Surpreende-me descobrir a que ponto amo o som fácil e familiar que a minha língua produz.

Senta-se quase tão imóvel como eu. Os seus olhos brilham com um novo tipo de emoção que não consigo identificar.

— Sim?

— Como é? — pergunto, com cada palavra mais baixa que as anteriores. — Lá fora? — ~~No mundo real.~~ — É pior?

Uma dor altera os traços da sua face perfeitamente cinzelada. Demora alguns batimentos cardíacos a responder. Olha pela janela.

— Queres a verdade? Não sei se as coisas são melhores aqui dentro ou lá fora.

Sigo-lhe o olhar até à vidraça que nos separa da realidade e espero que os seus lábios se abram. Espero para o ouvir falar. A seguir, tento prestar atenção enquanto as suas palavras ressaltam na névoa dentro da minha cabeça, toldando-me os sentidos, turvando-me a visão, dificultando-me a concentração.

Sabias que era um movimento internacional?, pergunta-me o Adam.

Não, não sabia, digo-lhe. Não lhe digo que fui arrastada de casa 3 anos antes. Não lhe conto que fui levada exatamente 7 anos depois do início da pregação do Restabelecimento e 4 meses depois de tomarem conta de tudo. Não lhe conto quão pouco conheço do nosso novo mundo.

O Adam diz que o Restabelecimento se alastrou por todos os países, pronto para elevar os seus líderes a uma posição de controlo. Diz que a terra habitável que resta no mundo foi dividida em 3333 setores e que cada espaço passou a ser controlado por um Líder diferente.

Sabias que nos mentiram?, pergunta-me o Adam.

Sabias que o Restabelecimento disse que alguém precisava de assumir o controlo, que alguém precisava de salvar a sociedade, que alguém precisava de restaurar a paz? Sabias que disseram que matar todas as vozes da oposição era a única forma de alcançar a paz?

O Adam pergunta-me se sabia aquilo.

E é aí que aceno com a cabeça. É aí que digo que sim.

O que me lembro é disto: A ira. Os motins. A raiva.

Os meus olhos fecham-se num esforço subconsciente para bloquear as más memórias, mas o esforço ricocheteou. Protestos. Comícios. Gritos de sobreviventes. Vejo mulheres e crianças morrendo de fome, casas destruídas e sepultadas em entulho, o campo reduzido a uma paisagem queimada, produzindo como único fruto a carne podre dos caídos. Vejo morte morte morte de vários tons de vermelho, incluindo o tom mais intenso do batom preferido da vossa mãe espalhado pela terra.

Tanto de tudo e todas as coisas mortas.

O Restabelecimento esforça-se para manter o controlo sobre o povo, diz o Adam. Diz que o Restabelecimento trava uma guerra contra os rebeldes que não obedecem ao novo regime. O Restabelecimento esforça-se para se enraizar como uma nova forma de governo em todas as sociedades do mundo.

A seguir, penso no que terá acontecido às pessoas que costumava ver todos os dias. Que terá acontecido às suas casas, aos seus pais, aos seus filhos. Penso quantos já estarão enterrados.

Quantos foram assassinados.

— Destroem tudo — diz o Adam. E a sua voz torna-se, de repente, um som solene no silêncio. — Todos os livros, todos os artefactos, todos os vestígios de história humana. Dizem que é a única forma de resolver as coisas. Dizem que precisamos de começar do princípio. Dizem que não podemos cometer os mesmos erros das gerações anteriores.

2

batidas

na porta e voltamos a levantar-nos, abruptamente puxados outra vez para este mundo sombrio.

O Adam arqueia uma sobancelha.

— Pequeno-almoço?

— Espera três minutos — recordo-lhe. Somos tão bons a camuflar a fome até as batidas na porta mutilarem a nossa dignidade.

Fazem-nos passar fome de propósito.

— Sim. — Os seus lábios esboçam um sorriso ligeiro. — Não quero queimar-me. — O ar é deslocado pelo seu avanço.

Permaneço como uma estátua.

— Continuo sem perceber — diz, baixando muito a voz. — Porque estás aqui?

— Porque fazes tantas perguntas?

Deixa menos de meio metro de espaço entre nós e estou a menos de 30 centímetros da combustão espontânea.

— Os teus olhos são tão profundos. — Inclina a cabeça. — Tão calmos. Quero saber em que pensas.

— Não devias. — A minha voz vacila. — Nem sequer me conheces.

Ri-se e o ato aviva a luz nos seus olhos.

— Não te conheço.

— Não.

Abana a cabeça. Senta-se na sua cama.

— Certo. Claro que não.

— Que foi?

— Tens razão. — Sustém a respiração. — Talvez seja louco.

Recuo 2 passos.

— Talvez sejas.

Volta a sorrir e apetece-me tirar uma fotografia. Gostaria de olhar fixamente a curva dos seus lábios durante o resto da minha vida.

— Não sou, sabias?

— Mas não me dizes porque estás aqui — provoco.

— Nem tu.

Caio de joelhos e puxo o tabuleiro pela fresta. Algo impossível de identificar fumeja em 2 canecas de latão. O Adam senta-se no chão à minha frente.

— Pequeno-almoço — digo, empurrando-lhe o tabuleiro.

~~TENHO UMA MALDIÇÃO.~~
TENHO UM DOM.
~~SOU UM MONSTRO.~~
SOU UM SER HUMANO.
~~SOU UMA ARMA.~~
SOU UMA LUTADORA.

O mundo está em colapso. As doenças dizimam a população, a comida escasseia, os pássaros não voam e as nuvens têm a cor errada. E, com apenas 17 anos, a Juliette está presa por homicídio. Na verdade, ela tem um poder incrível que mais se assemelha a uma maldição... O seu toque pode matar.

Perante a eclosão de uma guerra, o Restabelecimento vê nesse poder letal um dom. A Juliette não é apenas uma alma atormentada dentro de um corpo venenoso, mas uma arma imprescindível para a manutenção da ordem.

Só que esta extraordinária rapariga já escolheu o seu próprio caminho. Após uma vida sem liberdade, ela encontra por fim a força necessária para lutar e reagir — e tentar construir um futuro com o amor da sua vida, um rapaz que ela julgara ter perdido para sempre. Conseguirá a Juliette sair vitoriosa?

**Um livro imperdível para os fãs
das sagas *Crepúsculo* e *Jogos da Fome*.**

«Um livro viciante e intenso que deixará
os leitores extasiados e ansiosos pela sequência.»

SCHOOL LIBRARY JOURNAL

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-75-8  9 789898 864758 Literatura Fantástica
--	---